

Maria Augusta Cavaco Miguel
Universidade dos Açores

INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA DE ALCUNS PLURAIS EM PORTUGUÊS

o. A flexão de número manifesta-se com formas variadas que dependem da natureza da vogal tónica da raiz e do segmento que termina a palavra. O plural, dito regular, obtém-se acrescentando o morfema -s à forma do singular das palavras terminadas por vogal. As palavras *casa*, *livro* e *pele*, que terminam respectivamente nas vogais -a, -o e -e átonas, fazem o plural em *casas*, *livros* e *peles*. A mesma reacção pode ser observada nas palavras terminadas em vogal tónica, como *perú/perús*; *maracujá/maracujás*. Contudo, se a vogal tónica for uma vogal média recuada, a mesma está sujeita a uma alternância entre a forma ATR no singular e a forma não-ATR dessa vogal, no plural. Formas como *povo/povos*, *novo/novos* são disso exemplo.

De forma ligeiramente diferente, mas ainda dentro de uma grande regularidade, encontram-se as palavras terminadas em consoante, as quais são acrescidas de -es. Entram neste grupo palavras como *mar*, *rapaz*, *ananás*, que fazem o plural, respectivamente, em *mares*, *rapazes* e *ananases*. Maiores alterações registam as palavras terminadas em // que, ao dar-se a queda desta consoante com a junção do plural, se apresentam com três configurações. Assim, temos para o plural de *papel/papéis*, para *funil/funis*, e para *réptil/répteis*.

A forma -es, considerada morfologicamente como um alomorfe do plural, já foi vastamente explicada e justificada pela fonologia. De igual modo, o plural das palavras terminadas em // já foi objecto de uma vasta discussão fonológica¹. A nossa argumentação aqui é a de que estes plurais podem ser explicados de uma forma mais coerente e fundamentada, se tivermos como base a Fonologia da Regência.

Não sendo a nossa pretensão fazer uma digressão na matéria dos plurais, apesar do interesse que outras formas, como as nasais, nos suscitam, iremos procurar encontrar uma explicação fonológica para cada uma das formas anteriormente expostas, partindo da hipótese de que o plural consiste simplesmente no morfema -s, com o valor fonético [j].

¹Cf. Mateus, M. H. M. (1975) e E. D'Andrade (1977) para a análise destes temas, no âmbito da corrente generativa.

1. Os plurais ditos regulares

É geralmente considerado regular o plural formado pelo acrescento do morfema *-s*, traduzido foneticamente na consoante [s] às formas do singular. Essa consoante une-se directamente à palavra quando esta termina em vogal, e não desloca o acento tónico, como se pode observar nos exemplos (1) e (2):

(1)

casa/casas
livro/livros
pele/peles

(2)

café/cafés
maracujá/maracujás
dominó/dominós
colibri/colibris
perú/perús

Mas o assunto dos plurais, ditos regulares, não encerra aqui. As alterações no timbre da vogal tónica, média recuada, de um número razoável de substantivos e adjectivos, entre a forma do singular e a forma do plural, são indício de um problema fonológico geralmente conhecido por *harmonia vocálica*. É o que se pode verificar nos exemplos que apresentamos em (3):

(3)

[o] [i]
olho/olhos
corpo/corpos
povo/povos
ovo/ovos
caroço/caroços
fogo/fogos

Embora não exista um padrão coerente através de todo o léxico, como é facilmente observável nos exemplos de (4), não podemos deixar de procurar explicar os padrões regulares.

(4)

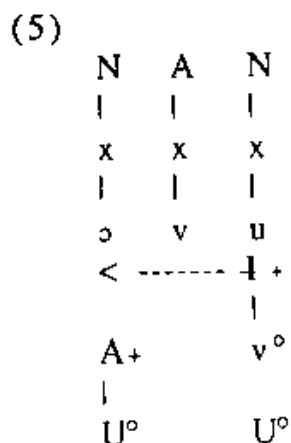
[o] [o]
moço/moços

lobo/lobos
cachorro/cachorros

É necessário, pois, encontrarmos uma explicação para o padrão de alternância no timbre da vogal tónica, entre as formas do singular e as formas do plural, onde a harmonização funciona com regularidade.

A designação de *metafonia* serviu, no passado, para explicar, dentro da sua definição, o processo em causa; contudo, em nenhuma instância se viu explicada a razão por que apenas as vogais [o] e [ɔ] se envolvem neste processo.

A perspectivação da composição interna destas vogais em termos de elementos poderá, no entanto, ajudar-nos a resolver este problema. Segundo a Teoria do Charme, as vogais [o] e [ɔ] têm exactamente a mesma composição interna, à excepção do elemento ATR que é exclusivo da vogal [o]². A alternância entre estas duas vogais nas formas do singular/plural de uma palavra levanta a suspeita de que a vogal tónica da raiz esteja a harmonizar com outra vogal que contenha na sua formação interna o elemento ATR. Efectivamente, a vogal [u] do morfema do masculino possui, na sua composição, o elemento ATR. É nossa convicção que a adição desta vogal à raiz da palavra influencie directamente o timbre da vogal tónica, fazendo com que esta *assimile* o elemento ATR e harmonize consigo, como mostramos, esquematicamente, em (5):



Como podemos verificar na representação silábica da palavra *ovo*, o elemento ATR da vogal final [u] influencia o timbre da vogal tónica, fazendo-a harmonizar em ATR. Desta harmonização resulta o timbre mais fechado da vogal tónica³.

²Para uma análise mais aprofundada sobre a composição interna das vogais cf. Kaye, J., J. Lowenstamm & J.-R. Vergnaud (1985).

³ Dada a vastidão deste tema não poderemos abordar, de forma pormenorizada, as razões fonológicas que subjazem às propostas aqui apresentadas de forma sucinta.

Resta-nos explicar por que razão estando o morfema do masculino presente na forma do plural, a vogal da raiz não harmoniza novamente com a vogal [u]. Antes de avançarmos com as explicações observe-se, primeiramente, o esquema (6):

(6)

N	A	N	A	N
x	x	x	x	x
ɔ	v	u]	

Veja-se agora, com a esquematização da palavra com o morfema do plural, que a vogal de género já não ocupa a posição final. O núcleo que ocupa a última posição silábica é um núcleo vazio que, dada a sua natureza, se mostra incapaz de promover uma harmonização. Por esse motivo, a vogal da raiz fica imutável (i.e. [ɔ]).

Vogal fixa

Podemos perguntarmo-nos neste ponto por que razão as vogais [e] e [ɛ], constituindo igualmente um par de vogais cuja distinção é feita pelo elemento ATR, não apresentam o mesmo tipo de alternância que as vogais [o] e [ɔ]. Observem-se os exemplos seguintes:

(7)

belo/belos
cego/cegos
camelo/camelos
preto/pretos

Como os exemplos anteriores mostram, a vogal tónica da raiz destas palavras permanece invariável. Mantendo-se constantes as formas dos morfemas do masculino e do plural, o problema reside na vogal em si.

Uma vez mais teremos que recorrer à inspecção da formação interna das vogais, em termos de elementos, para explicar este comportamento. Vejamos, através da análise da palavra *belo* em (8), por que razão a vogal sufixal não desencadeia a harmonização com a vogal tónica:

Uma análise mais completa deste problema encontra-se em Cavaco Miguel, M.A. (1993). "Os Padrões das Alternâncias Vocálicas e da Vogal Zero na Fonologia Portuguesa". Tese de Doutoramento, Univ. dos Açores, Cap. VII.

(8)

A	N	A	N
x	x	x	x
b	ε	l	u
			↓+
	I°		U°
			cabeça
	A+		v°

Repare-se que a vogal [ε] tem o elemento I° à cabeça, enquanto que a vogal [u] tem o elemento U°. Esta é a razão pela qual as vogais não harmonizam. Para que haja harmonização é necessário que exista identidade na cabeça das vogais que harmonizam entre si. Por consequência, ao não haver harmonização no singular, a forma do plural apresenta-se com a mesma vogal, sem alteração de timbre.

Resta-nos ainda justificar as formas onde a vogal é fixa, como em *moço/moços*. Apresentando as mesmas características fonológicas que as outras palavras onde a vogal alterna, por que razão pares como este não se comportam da mesma maneira? Não havendo uma razão fonológica aparente, somos levados a pensar que estas palavras têm uma vogal **marcada lexicalmente** que não é receptiva à harmonização (está fixa).

2. O plural de palavras terminadas em consoante

2.1 Palavras terminadas em -r e -s

De forma diferente, mas regular, fazem o plural as palavras terminadas em -r e -s:

(9)

flor/flores

mar/mares

mulher/mulheres

(10)

ananás/ananases

perdiz/perdizes

avestruz/avestruzes

Nestes exemplos, vemos surgir uma vogal entre a consoante final e o morfema do plural, para a qual encontramos a explicação fonológica seguinte: silabicamente, as palavras terminadas foneticamente em consoante, não podem fechar a sílaba sob pena de violarem o Princípio da Autorização da Coda (cf. Kaye 1990b:311). Por seu lado, o Princípio da Autorização impede a existência do ataque sem que exista um núcleo que o autorize; assim sendo, um ataque não pode finalizar a palavra sem que exista um núcleo que o autorize, mesmo que esse núcleo seja um núcleo vazio.

Com a junção da consoante [ʃ] do plural à estrutura da palavra, o núcleo vazio existente entre a consoante e o morfema do plural pode ser interpretado foneticamente na vogal [ə], embora seja certo que raramente se pronuncia. Como exemplo, veja-se a representação silábica da palavra *mares*:

(11)

A	N	A	N	A	N
x	x	x	x	x	x
m	a	r	v ^o	ʃ	
			[ə]		

Observa-se aqui a existência de um núcleo vazio na estrutura da palavra, depois da consoante final -r, o qual justifica a vogal [ə] quando se junta à palavra o segmento [ʃ] do plural⁴.

Passemos agora às palavras terminadas por [ʃ]. Constatamos que acontece com elas exactamente o mesmo que observámos para as palavras terminadas por -r. A representação silábica da palavra *rapaz* no exemplo (12) mostra que estas palavras têm o mesmo tipo de estrutura silábica⁵.

(12)

A	N	A	N	A	N	A	N
x	x	x	x	x	x	x	x
R	α	p	a	z	(ə)	ʃ	

⁴Veja-se como este núcleo toma um valor bem mais nítido nas palavras *marear* e *mareante*, por exemplo, onde o núcleo vazio tem o valor fonético [i].

⁵A palavra *rapaziada* é igualmente um bom exemplo da presença do núcleo no final de palavra.

2.2. Palavras terminadas em -l

As palavras terminadas em -l obedecem ao mesmo padrão de qualquer palavra terminada em consoante. Como já dissemos, por princípio, existe um núcleo vazio no final destas palavras. A variante nestes casos está na queda do // internuclear e, conseqüentemente, na obrigatória interpretação do núcleo vazio que, por se encontrar adjacente a um ataque vazio, deixado pela queda do //, é interpretado na vogal [i], como aliás, o é sempre nestas circunstâncias silábicas⁶.

(13)

azul/azuis
capital/capitais
cordel/cordeis
sol/sois

A junção do plural provocou a queda da consoante // intervocálica, e o núcleo vazio reforçou na presença do ataque vazio, uma vez que, silabicamente, dois constituintes vazios contíguos não subsistem. No Português europeu, os núcleos vazios contíguos a um ataque vazio tomam o valor [i]. Daí o aparecimento destas formas do plural. Em (13.a) está representado, esquematicamente, o processo em causa:

(13.a)

N	A	N	A	N	A	N
x	x	x	x	x	x	x
a	z	u	(l)	v ^o	j	
			[i]			

Uma vez mais, presenciamos a simples junção do segmento [j] do plural. A interpretação fonética da palavra justifica-se fonologicamente.

Veja-se agora a interpretação que é possível dar aos exemplos de (14):

(14)

funil/funis
barril/barris

⁶Para uma explicação detalhada acerca da interpretação fonética dos núcleos vazios na vogal [i] sugerimos a leitura de: "Os Padrões das Alternâncias Vocálicas e da Vogal Zero na Fonologia Portuguesa", cap. VI.

(14.a)

A	N	A	N	A	N	A	N
x	x	x	x	x	x	x	x
f	u	n	i	l	v ^o	j	
					[i]		

|__OCP__|

Nas mesmas circunstâncias silábicas, a queda da consoante // deixa o núcleo vazio contíguo a um ataque vazio. A interpretação fonética deste núcleo vazio é [i]. Como a vogal do núcleo anterior é também ela [i], as duas vogais [i] ficam em contacto, o que desencadeia a acção do OCP. A actuação deste Princípio dá lugar a um único som [i].

Finalmente, gostaria de apresentar uma explicação fonológica para as formas de plural apresentadas em (15), onde é uma vogal da raiz da palavra que sofre alteração, passando de [i] no singular para [e] no plural. Observem-se agora os exemplos de (15):

(15)

fácil/fáceis
 débil/débeis
 réptil/répteis
 fóssil/fósseis

Através da análise silábica destas palavras podemos compreender a reacção das vogais. Observe-se, então, o gráfico em (15.a):

(15.a)

A	N	A	N	A	N	A	N
x	x	x	x	x	x	x	x
f	á	s	i	l	v ^o	j	
					[i]		

|__OCP__|

Repare-se que, uma vez mais, a situação silábica que se cria com a queda do // e com a vogal [i] anterior, desencadearia a acção do OCP. Para evitar o efeito deste Princípio, dá-se uma interpretação fonética diferente a uma das vogais.

Podemos, no entanto, perguntar por que razão não dizemos *funéis* em vez de *funis* e evitamos igualmente os efeitos de OCP. Pensamos que pela simples razão de que em *funil*, a vogal [i] é tónica e não há registo de mudanças na vogal tónica nestas circunstâncias.

Em contrapartida, a língua portuguesa apresenta o [i] interpretado na vogal [e] quando se junta a uma outra vogal [i], pensamos que para manter, a todo custo, a estrutura da palavra, como podemos observar, por exemplo, nas palavras seguintes:

- (16)
- | | |
|--------------------------|------------|
| sócio+ idade = sociedade | soci+idade |
| ânsia+ idade = ansiedade | ansi+idade |

Conclusão

Com este trabalho pretendemos abordar alguns problemas fonológicos relacionados com o morfema do plural. Dada a densidade deste tema, não nos seria possível, no âmbito deste artigo trabalhar cada um dos problemas com maior incisão. Quisemos apenas dar uma visão panorâmica das reflexões que é possível desenvolver hoje em dia neste campo, com as novas tendências da fonologia. Uma das questões aqui abordadas, a harmonização vocálica nos nomes, já foi detidamente analisada em Cavaco Miguel (1993). Por essa razão, sentimo-nos dispensados de entrar aqui em pormenores.

Referências

- ANDRADE, E. (1978). *Aspects de la Phonologie (Generative) du Portugais*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação científica.
- CAVACO MIGUEL, M. A. (1993). *Os Padrões das Alternâncias Vocálicas e da Vogal Zero na Fonologia Portuguesa*. Dissertação de Doutoramento, Universidade dos Açores.
- KAYE, J., J. Lowenstamm & J.-R. Vergnaud (1985). "The Internal Structure of Phonological Elements: A theory of Charm and Government". *Phonology Yearbook 2*: 305-328.
- KAYE, J., J. Lowenstamm & J.-R. Vergnaud (1990). "Constituent Structure and Government in Phonology". *Phonology 7.2*:193-231.
- MATEUS, M.H.M. (1975). *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.